AVALIAÇÃO COMPARATIVA EM EDUCAÇÃO E MÚSICA ENTRE CRIANÇAS PRECOCES COM COMPORTAMENTO DE SUPERDOTAÇÃO E CRIANÇAS COM DESENVOLVIMENTO TÍPICO

Fabiana S. Oliveira[1]
Universidade do Sagrado Coração, Bauru/SP
e-mail: fabianapsicopedagogiamusical@gmail.com

Miguel Cláudio Moriel Chacon[2]
Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, Marília/SP
e-mail: miguelchacon@unesp.marilia.br

Comunicação oral

Pesquisa Concluida

As pesquisas na área da Superdotação, no Brasil, podem ser consideradas recentes. Conforme menções de Cupertino (2008) as primeiras abordagens datam de 1938. Com relação aos estudos científicos publicados na área musical, especificamente a da superdotação musical, são extremamente escassos. Enquanto que no âmbito da identificação de crianças superdotadas há oficialmente um pequeno número de crianças cadastradas e um número menor ainda na área da música. Embora haja as políticas públicas educacionais do país uma legislação que garante a educação especializada a esses alunos, é comum se deparar com certa resistência para se proceder à identificação, e como não há nas escolas a cultura da educação musical, a pouca identificação que ocorre foca basicamente a área acadêmica, o que tem gerado situações caóticas para a escola e, sobretudo para as famílias dessas crianças, de maneira geral. No

[1] Fabiana S Oliveira – Graduada em instrumento piano pela USC/Bauru; Graduação em Educação Musical em andamento; Psicopedagoga clínica; Mestrado em andamento na área de Educação pela UNESP – Campus de Marilia.

[2] Miguel C. M. Chacon – Docente da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP/Marília; Graduado em psicologia pela UNESP/Assis; Mestre em Educação pela UNICAMP/Campinas; Doutor em Educação pela UNESP/Marília e pós-doutorado em Altas habilidades/Superdotação pela Universidade Federal de Santa Maria – RS;

entanto, mesmo diante das barreiras impostas pelo poder público, pesquisadores brasileiros (CHACON; PEDRO; KOGA, 2014; FREITAS; PEREZ, 2012; VIRGOLIM, 2009; CUPERTINO, 2008; GAMA, 2006; ALENCAR; FLEITH, 2001 e outros) têm se debruçado sobre o tema, discutindo-o com os familiares e com as escolas dessas crianças superdotadas, além de estender a discussão para as instituições e universidades que concedem abertura para tratar da temática e que investem na formação de professores. Por essa razão, diante do cenário vivenciado no Brasil, o intuito desta pesquisa foi identificar o nível de aptidão musical e as diferenças na superdotação para a música, nos alunos que frequentaram o Programa de Atenção a alunos Precoces com comportamento de superdotação (PAPCS), da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP, Campus de Marília/SP - Brasil, em 2013. Para alcançar tais objetivos foi necessário a criação de três grupos G1, G2 e G3 pareados por gênero, ano escolar e idade, totalizando 51 participantes distribuídos entre os três grupos somando 17 para cada agrupamento. Ressalta-se que G1 foi composto por crianças precoces com comportamento de superdotação participantes do PAPCS, G2 por crianças não precoces e/ou superdotadas e sem experiência em Educação Musical e G3 também não precoces e/ou superdotadas, mas com experiência em Educação Musical. Tanto G2 quanto G3 foram grupos de controle para G1. Para a coleta de dados foram utilizados instrumentos específicos da área da Educação Musical, denominados *Primary Measures of Music Audiation (PMMA) e Intermediate Measures of Music Audiation (IMMA)* de autoria de Edwin Gordon. Para a análise dos dados foram utilizados os testes estatísticos não paramétricos Kruskal-wallis e Wilcoxon-Mann-Whitney. Ressalta-se que os presentes dados são resultados parciais de uma pesquisa maior, ainda em andamento. Preliminarmente foi possível identificar duas participantes que atingiram o escore do rank percentil indicando precocidade e comportamento de superdotação para música. A primeira foi a estudante F7 de G1 que atingiu um escore de 96 e F5 de G3 que atingiu um escore de 85. De acordo com o manual instrucional, para ser considerado precoce com comportamento de superdotação musical, o indivíduo precisa atingir ou se encontrar acima do escore de 80 previsto em ambos os testes no item rank percentil. Por meio do teste *Kruskal-Wallis* foi possível comparar G1, G2 e G3 nos resultados dos testes PMMA e IMMA, no que concerne discernir

adequadamente tons e ritmos. O resultado encontrado foi p=0,7706, o que é considerado estatisticamente não significante. Por meio do teste *Wilcoxon*, observou-se os resultados de G1 (tom e ritmo) no teste PMMA, se obteve p=0,2129, considerado estatisticamente não significante. Ao avaliar o desempenho tonal e rítmico dos resultados de G1 no teste IMMA, por meio do teste *Wilcoxon,* obteve-se p=0,2344, considerado estatisticamente não significante. Ao realizar a comparação em G2, no teste PMMA, referente ao desempenho do tom e do ritmo, por meio do teste *Wilcoxon*, encontrou-se p=0,0078, resultado considerado muito significante. Ao analisar o grupo G2 (tom e ritmo) no teste IMMA, por meio do teste de *Wilcoxon,* observou-se o resultado de p=0,1094, considerado estatisticamente não significante. Ao observar o desempenho do grupo G3, com relação ao teste PMMA considerando tom e ritmo, por meio do teste *Wilcoxon,* encontrou-se p=0,0273, considerado pelo teste significante. Ao realizar a comparação no G3 do teste IMMA, considerando as variáveis tom e ritmo, por meio do teste *Wilcoxon*, encontrou-se p=0,0781, considerado estatisticamente significante. Diante dos dados arrolados anteriormente, concluiu-se, que quando G1, G2 e G3 são comparados, ambos apresentam resultados estatisticamente não significantes, conforme comprovação no teste *Kruskal-wallis*. Porém, quando se realiza a averiguação intragrupo, percebe-se que há diferenças significantes que, no geral, agregam vantagem para G1, conforme comprovação no teste *Wilcoxon*. Diante dos dados arrolados, foi possível concluir que eles convergem com os resultados dos estudos de Gordon (1995). O autor salienta, que seus testes, são uma maneira de identificar o nível de acuidade auditiva de maneira inicial, por essa razão, ele criou um teste para cada ciclo escolar. Para Gordon (1997), há uma fase da vida das crianças em que sua acuidade auditiva estabilizará, isto, conforme o autor, acontece por volta de nove anos. Diante disto, o autor salienta a importância de se estimular as crianças desde a mais tenra idade e, por meio dos testes, acompanhar o desenvolvimento auditivo delas. Para ele, a estimulação torna-se fundamental para que o indivíduo siga se aprimorando e estabilize sua percepção na mais elevada condição, caso isto não ocorra, a criança simplesmente estabilizará atingindo o índice perceptivo do senso comum. Diante da presente pesquisa é possível observar que, quando a superdotação musical é ignorada, corre-se o risco de perder grandes futuros artistas, como F7 e F5,

além de outros, em virtude da falta de enriquecimento musical. Ás vezes, perdem-se outros pela falta de oportunidade. Indivíduos superdotados musicais, que muitas vezes, vivem em áreas desprivilegiadas socialmente, não tendo condições de pleitear uma oportunidade em uma escola especializada. Ao observar países como Cuba, Japão, Rússia, Estados Unidos e outros, o que se vê são oportunidades que até hoje propicia a continuidade do capital musical. Por outro lado, o que faz o Brasil? Como tudo no Brasil exige força de lei, espera-se que com a Educação Musical, exigida como parte integrada do curriculum escolar, e a legislação que garante forçadamente a atenção aos estudantes superdotados em música possam viabilizar que todas as crianças tenham um futuro melhor, que as valorizem mediante seus diferenciais e, sobretudo permitam que suas potencialidades se desenvolvam plenamente, e ao máximo.

Palavra-Chave: Superdotação musical. Educação musical. Altas habilidades/superdotação Musical. Aptidão musical.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. de S. **Superdotados:** determinantes, educação e ajustamento. 2. ed. São Paulo: EPU, 2001.

CHACON, M. C. M.; PEDRO, K. M.; KOGA, F. O. Programa de Atenção ao aluno Precoce com Comportamentos de Altas Habilidades/Superdotação (PAPAHS). **La Nouvelle Revue de l'Adaptation et de la Scolarisation**, Paris, v. 65, p. 13-29, 2014.

CUPERTINO, C. M. B. (Org.). **Um olhar para as altas habilidades**: construindo caminhos. São Paulo: FDE, 2008.

FREITAS, S. N.; PEREZ, S. G. P. B. **Altas habilidades/superdotação***:* atendimento especializado. 2. ed. Marília: ABPEE, 2012.

GORDON, E. E. **Musical Aptitude Profile.** Chicago: GIA Publication, 1995.

GAMA, M. C. S. S. **Educação de superdotados***:* teoria e prática. São Paulo: EPU, 2006.

VIRGOLIM, A. M. R. **Altas habilidade/superdotação***:* engajamentos potenciais. Brasília: MEC/SEESP, 2007.

GORDON, E. E. **Musical Aptitude Profile.** Chicago: GIA Publication, 1995.